

DA AUTORA BESTSELLER DE
A RAPARIGA NO COMBOIO
23 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

**PAULA
HAWKINS**

**A HORA
AZUL**

**TOP
SEL
LER**

À venda a 10 de outubro de 2024

Capa
provisória

*E a morte perderá o seu domínio.
Nus, os homens mortos irão confundir-se
com o homem no vento e na lua do poente;
quando, descarnados e limpos, desaparecerem os ossos
hã-de nos seus braços e pés brilhar as estrelas.
Mesmo que se tornem loucos, permanecerá o espírito lúcido;
mesmo que sejam submersos pelo mar, eles hã-de ressurgir;
mesmo que os amantes se percam, continuará o amor;
e a morte perderá o seu domínio.*

Dylan Thomas

[tradução de Fernando Guimarães,
A Mão ao Assinar Este Papel, Assírio e Alvim, 1998]

A vida é breve, a arte é longa.

Hipócrates

A Lua acordou-me, próxima e brilhante. Lançava sobre o mar uma estranha luz, como a de um dia sombrio, como se estivéssemos a olhar para o negativo de uma fotografia. Não fui capaz de voltar a adormecer. Há semanas que não conseguia trabalhar, por isso desci até à praia. Estava descalça, e a areia fria sob os meus pés fez-me querer correr.

Havia vento. Estranhamente quente, sacudia a areia e fazia com que as nuvens que iam passando diante da Lua projetassem sombras que me perseguiam. Não parava de pensar na canção que a Grace me ensinara, a que falava de lobos a desenterrarem os corpos dos mortos recentes, espalhando os seus pobres ossos pela terra.

Ultimamente, também eu me tenho sentido um pouco selvagem.

Corri e corri até ter os pés na água e, quando me voltei, contemplei a ilha, a casa, a janela do meu quarto com a luz ainda acesa, e vi algo a mover-se. A cortina, possivelmente, mas senti um arrepio. Esperei, de olhos fitos, desejando que voltasse a aparecer, mas não vi nada, nem ninguém, apenas,

de súbito, a água a bater-me na barriga das pernas, nos joelhos.

A areia já não bulia, já nem sequer se via, fora engolida pela água, e eu ainda tinha tanto para andar. Avancei a custo, contra o vento, tentando vencer a corrente, forte como a de um rio. Tropeçava a cada passo, caindo de joelhos. O frio era como uma bofetada, como se me estivessem a bater, uma e outra vez.

Acho que nunca tinha sentido um terror assim.

Quando regressei aos degraus, estava tão exausta que mal conseguia mexer-me. Fiquei ali, prostrada, a tremer tão violentamente que parecia estar com convulsões. Por fim, lá consegui pôr-me de pé e entrar em casa. Tomei um duche, vesti-me, subi até ao estúdio e comecei a pintar.

Division II (circa 2005)

Vanessa Chapman

Cerâmica, laca japonesa, folha de ouro, filamento dourado,
costela de artiodáctilo, madeira e vidro

Empréstimo da Fundação Fairburn.

*Uma de apenas sete esculturas criadas por Chapman,
combinando fragmentos de cerâmica com objetos encontrados,
Division II é um artefacto espacial enganadoramente simples: os
objetos estão organizados
em diálogo uns com os outros, suspensos em arame
e encerrados numa caixa de vidro.*

*Ao apresentar os objetos desta maneira, Chapman levanta
questões sobre inclusão e exclusão, sobre o que escondemos
e o que revelamos, o que damos e o que sonhamos, e sobre
o que fazemos e o que deixamos para trás.*

De: bjefferies@gmail.com

Para: info@tatemodern.co.uk

Assunto: Chapman — Exposição Escultura e Natureza

Caros Senhores,

Foi com muito prazer que visitei a Tate Modern este fim de semana. Apreciei especialmente a exposição Escultura e Natureza, que incluía peças magníficas. Todavia, detetei um erro na tabela da peça de Vanessa Chapman de 2005, intitulada *Division II*, a qual, entre os materiais utilizados, incluía uma costela de artiodáctilo. Como antropólogo forense experiente, posso garantir que a costela exibida não é de um artiodáctilo; na verdade, é de um ser humano.

É possível que o erro tenha sido cometido pela própria Sra. Chapman. Para quem não tem formação na área, é fácil confundir a costela de um cervídeo com a de um ser humano.

Achei que deviam ser informados.

Com os melhores cumprimentos,
Benjamin Jefferies

1

Com a anca encostada ao corrimão da ponte pedonal, James Becker enfrenta o frio castigador de uma ofuscante manhã de outubro enquanto enrola um cigarro. Sob os seus pés, o riacho corre escuro e lento, e a água está muito perto do ponto de congelação, escorrendo como melaço sobre a rocha cor de ferrugem. Está a meio caminho do percurso diário para o trabalho. São doze minutos desde a Casa do Couteiro, onde reside, até à Fairburn House, onde trabalha. Quinze minutos, se parar para fumar.

Com a gola do casaco levantada, olha rapidamente por cima do ombro — um forasteiro poderia achá-lo furtivo, mas ele não precisa de o ser. Pertence àquele lugar. Por mais estranho que isso possa parecer, até ele mal consegue acreditar. Como é possível que ele — filho bastardo e órfão de uma empregada de supermercado, aluno de uma escola pública enfiado num fato barato — possa viver e trabalhar ali, em Fairburn, misturado com a aristocracia? Não se *encaixa*. E, todavia, com trabalho árduo, um pouco de sorte e algumas pequenas traições, ali está ele.

James acende o cigarro e espreita uma vez mais por cima do ombro, na direção da casa. Da janela da cozinha, derrama-se uma luz amarela, que pinta de dourado a sebe de faia. Não está ninguém à janela — Helena ainda deve estar na cama, com uma almofada entre os joelhos —, por isso ninguém o verá a quebrar a promessa que fez de deixar de fumar. Já reduziu o número de cigarros, agora são apenas três por dia, e, acredita ele, quando a água congelar, já nem esses fumará.

Encostado ao gradil, dá uma longa passa no cigarro e olha para as colinas a norte, com os topos já polvilhados de neve. Algures entre os dois pontos escuta uma sirene e parece distinguir o piscar de luzes azuis na estrada, talvez uma ambulância ou a polícia. O sangue corre-lhe subitamente mais depressa nas veias e sente um afluxo de nicotina à cabeça; no estômago borbulha-lhe uma débil, mas inegável, sensação de medo. Fuma apressadamente, como se assim o tabaco lhe fizesse menos mal, e lança a beata para a água. Atravessa a ponte e cruza o relvado em direção à Fairburn House, sentindo o gelo a esmagar-se sob os pés.

Ao abrir a porta do gabinete, ouve o telefone a tocar.

— Tou? — Becker encaixa o auscultador entre o queixo e o ombro, liga o computador e dá meia-volta para carregar no botão da máquina de café, na mesa de apoio.

Após uma pausa, uma voz clara e bem articulada pergunta:

— Bom dia. Estou a falar com James Becker?

— Sim. — Becker tecla a palavra-passe e despe o casaco.

— Certo, bom... — Outra pausa. — Fala Goodwin, da Tate Modern.

O auscultador escorrega-lhe do ombro; ele apanha-o e encosta-o de novo à orelha.

— Desculpe, quem?

O homem do outro lado da linha suspira de forma audível.

— Will Goodwin — responde, enunciando exageradamente bem as vogais. — Da Tate Modern, em Londres. Estou a ligar porque temos um problema com uma das peças emprestadas pela Fairburn.

Becker endireita as costas e aperta o auscultador com força.

— Oh, *céus*, não a danificaram, pois não?

— Não, Sr. Becker. — O tom de Goodwin exsuda contenção. — Fomos *extremamente cuidadosos* com as três peças da Fairburn. No entanto, vimo-nos obrigados a retirar uma das esculturas da exposição. *A Division II*.

Becker senta-se e franze o sobrolho.

— Como assim?

— Segundo um *e-mail* que recebemos de um eminente antropólogo forense que visitou a nossa exposição este fim de semana, a *Division II* inclui um osso humano.

As gargalhadas de Becker têm como resposta o silêncio.

— Desculpe — diz ele, ainda a rir —, mas isso é...

— Bem pode pedir desculpa! — O tom de Goodwin é letal. — Lamento não partilhar da sua boa-disposição, mas, graças à vossa incompetência curatorial, na minha primeira exposição como diretor, e na primeira exposição pós-pandemia do museu, expusemos, inadvertidamente, ossadas humanas. Faz ideia de como isto pode prejudicar a nossa instituição? É exatamente este tipo de coisa que faz com que as pessoas sejam *canceladas*.

Quando a chamada termina finalmente, Becker olha para o monitor do computador à sua frente, à espera de que Goodwin lhe envie o *e-mail*. A queixa — se é disso que se trata — é obviamente um disparate. Quiçá uma brincadeira? Ou talvez um simples engano?

A mensagem aparece na caixa de entrada. Becker lê-a duas vezes, googla o nome do remetente (um acadêmico respeitado de uma das mais importantes universidades britânicas — isso descarta a possibilidade de se tratar de uma brincadeira) e depois abre o ArtPro, o *software* de catalogação da Fairburn, para procurar a peça em questão. Ali está. *Division II, circa 2005*, de Vanessa Chapman. Fotografias a cores, que ele próprio tirou, ilustram a peça. Cerâmica, madeira e osso presos por arame flutuam em redor uns dos outros numa caixa de vidro criada por Chapman. O pedaço de cerâmica e o osso são gémeos idênticos: fusos frágeis de um branco puro, fraturados no centro e unidos com verniz e ouro.

A primeira vez que viu a peça, pensou que teria sido enviada por engano. Uma escultura? Vanessa Chapman não era escultora, era pintora e ceramista. Mas ali estava, bela e estranha, um delicado enigma, o *puzzle* perfeito. Sem qualquer nota explicativa, apenas uma breve menção num caderno, onde Chapman falava das dificuldades que enfrentara ao elaborar a sua *pele*, a caixa de vidro que encerrava os restantes componentes. Incontestavelmente da artista nessa altura, e agora sua. Sua para pesquisar, para catalogar, para descrever e exibir, para apresentar ao mundo. Estivera brevemente exposta na Fairburn House e, desde essa altura, fora vista por milhares de pessoas — dezenas de milhares! — por empréstimo em Berlim e Paris e, mais recentemente, em Londres.

Um osso humano! Que *absurdo*. Empurrando a cadeira para trás, Becker põe-se de pé e vira a cara para a janela.

O seu gabinete situa-se na ala pública da casa, com vista para o pátio quadrangular. No centro do relvado, tão verde e impecável como o feltro de uma mesa de bilhar, ergue-se um bronze de Barbara Hepworth. As suas curvas brilham com a luz da manhã, e as paredes inclinadas e convexas da cavidade central tremeluzem em tons de verde. Através desse espaço oval, Becker avista Sebastian, que atravessa o relvado em passo rápido com o telefone encostado à orelha.

Sebastian Lennox é o herdeiro da Fairburn — assim que a mãe se afastar, ele será dono daquela casa, da casa onde Becker reside, do pátio com relva, da escultura de Hepworth e dos terrenos em redor. É também o diretor da fundação, o que faz dele não apenas o senhorio de Becker, mas também o seu patrão.

(E seu amigo. É importante não esquecer.)

Becker vê Sebastian a contornar a escultura de bronze com um sorriso *demasiado* largo e, mesmo àquela distância, ouve a sua gargalhada. Vira-se ligeiramente e o movimento chama a atenção de Sebastian, que semicerra os olhos, levanta uma das mãos num cumprimento e abre os dedos, indicando *cinco*. Cinco minutos. Becker afasta-se da janela e senta-se à secretária.

Dez ou quinze minutos mais tarde, ouve os passos de Sebastian no corredor e, pouco depois, vê-o a entrar no gabinete. É um verdadeiro *golden retriever*, mas com forma humana.

— Não vais *acreditar* na chamada que acabei de atender — diz ele, desviando a franja loira dos olhos.

— Foi de um tal de Will Goodwin?

— Céus, sim! — Sebastian solta uma gargalhada e deixa-se cair no cadeirão ao canto do gabinete. — Estava cheio de medo de ser cancelado. Também te ligou, foi?

Becker assente com a cabeça.

— Vão retirar uma peça da exposição — informa. — É... É uma reação completamente exagerada...

— Achas?

Becker ergue as palmas das mãos.

— Claro que é! Só pode. A peça foi vista por meio mundo, incluindo por peritos. Se o osso fosse humano, já alguém teria reparado.

Sebastian anui com a cabeça e faz um ar triste.

— Estás *dececionado*? — pergunta Becker, incrédulo.

Sebastian encolhe os ombros.

— Podes não ter reparado, Beck, mas o grande público britânico não tem enchido as nossas salas desde que reabrimos... Pensei que a insinuação de um mistério, que um cheirinho a escândalo...

— Escândalo? Oh, isso agrada-me. — Os dois homens voltam-se e veem Helena à porta. Enverga um vestido preto de caxemira que lhe chega aos tornozelos e lhe abraça a bonita barriga de grávida. Alguns caracóis de cabelo castanho escaparam-se do rabo de cavalo e exhibe manchas rosadas nas maçãs do rosto. Está ligeiramente ofegante.

— Hels! — Sebastian põe-se de pé, abraça-a e cumprimenta-a delicadamente com dois beijos. — Tão radiante. Vieste a pé? Entra, senta-te!

Helena deixa-se guiar até ao cadeirão que Sebastian acabou de vagar.

— Apeteceu-me caminhar — explica ela, sorrindo a Becker, que a fita com um olhar interrogativo. — Está um dia tão bonito que o que me apetecia mesmo era dar uma volta de bicicleta, mas... — Agita a mão para afastar as objeções de Becker, antes mesmo de que ele as faça. — É óbvio que não o vou fazer. Digam-me, que história é essa de um escândalo?

Escuta com atenção enquanto Becker explica o que se passou, interrompendo-o quando ele chega ao cerne da questão.

— Mas a peça esteve exposta na Berlinische Galerie! Integrou a exposição Twenty-One, no Musée d'Art Moderne de Paris!

Becker assente com a cabeça.

— Foi isso mesmo que eu disse.

— Então... o que vão fazer?

Sebastian senta-se no canto da secretária de Becker.

— Não faço ideia — responde. — Para ser sincero, não estou a ver qual é o drama. Imaginemos que o osso é humano. É pouco provável que ela o tenha roubado de uma campa, certo? Portanto, que importância tem?

Becker morde o interior da bochecha.

— Não podemos expor restos mortais, Seb.

— O British Museum está cheio deles!

— Bom, sim — Becker sorri —, mas não é bem a mesma coisa.

Sebastian encara-o com uma expressão carrancuda.

— Bom, o Goodwin concorda. Está em pânico e quer enviar a peça para um laboratório privado para que seja examinada, mas em segredo...

— Nem pensar! — Becker põe-se de pé num salto, abandonando a secretária e, com isso, derramando café na elegante

superfície de couro verde. Sebastian e Helena observam-no enquanto ele se atarefa a absorver o líquido castanho com uma mancha de lenços de papel. — Para testarem o osso, terão de partir a caixa de vidro, e a caixa de vidro faz parte da peça. Foi feita por ela. Se partirem o vidro... bom, creio que, no mínimo, isso invalida o seguro, mas, mais do que isso, danifica a peça. Não vão enviá-la para um... *laboratório qualquer* sem nenhuma experiência nesta área e que desconheça a história da peça.

— OK — diz Sebastian, com um encolher de ombros teatral. — Então, que fazemos?

— Podemos começar por pedir uma segunda opinião a um outro perito, talvez até a mais de um. Que *analisem*, mas através do vidro. E, enquanto isso decorre, podemos falar com a seguradora, explicar a situação, explicar que poderemos vir a ter de... — Não quer dizer «fazer testes», não quer ceder a essa hipótese. — De *investigar* mais aprofundadamente.

— E, entretanto — sugere Helena, cruzando e descruzando as pernas —, podias ir falar com a Grace Haswell.

— Não — declara Becker, tentando esconder o entusiasmo que sente. — Não posso. Não quero deixar-te...

— Porque estou doente? — Helena ri. — Claro que podes. Ora, Beck, estás mortinho por ir a Eris. Não falaste de outra coisa durante o confinamento. E agora surgiu a oportunidade perfeita. A desculpa perfeita.

— Talvez — diz Becker, num tom cauteloso. — Podia sair cedo, ir e vir no mesmo dia...

Olha para Sebastian, que encolhe os ombros.

— Não me oponho. Vai, se achas que pode ser útil. Mas não estou a ver de que modo a Bruxa Má da ilha de Eris nos poderá ajudar neste caso. A menos que acredites que ela sabe

de alguma coisa. Talvez o osso seja o último vestígio de uma das crianças que ela atraiu à sua casa de gengibre? — Sebastian ri da própria piada. Helena pisca o olho a Becker. *Idiota*. — Não, é uma boa ideia. A sério que sim. E podes matar dois coelhos de uma cajadada: esclarecer esta questão do osso e informá-la pessoalmente de que estamos fartos de que ande a enrolar-nos. Está na hora de nos entregar os papéis da Chapman, juntamente com tudo o resto que nos pertença. Podes lembrar-lhe que o património artístico foi deixado à Fairburn e que não é ela quem decide o que nos dá e o que guarda para si...

— Bom — interrompe Becker, recostando-se na cadeira —, tecnicamente até é. É ela a executora testamentária.

— Não te armes em esperto comigo, porra! — A jocosidade de Sebastian evapora-se como saliva numa chapa quente. Becker esforça-se por não estremecer. Helena olha para o tapete. — Ela tem estado a reter documentos, cartas e talvez até algumas obras de arte. Essas coisas pertencem-nos. *Todas*. As telas, os esboços, as peças de porcelana, os seixos que a Chapman trouxe da merda da praia e dispôs *tão criteriosamente*. Pertencem-nos! Tudo o que esteja relacionado com o seu património artístico é nosso.

Becker não diz nada. Está *desejoso* de pôr as mãos nos documentos de Chapman. Dois dos cadernos de apontamentos foram parar à Fairburn juntamente com as principais remessas de arte, mas existe mais material que nunca ninguém viu. Becker sabe, através de entrevistas dadas pela artista, que ela tinha diários com os registos dos processos criativos e que se correspondia com outros artistas, a falar sobre o seu trabalho — se e quando Haswell os entregar, ele será o primeiro a lê-los. Terá o poder de moldar a forma como o mundo vê Vanessa

Chapman, como vê o trabalho que ela produziu e como esse trabalho é valorizado. Pensar em tudo isso deixa-o atordoado.

Todavia, Becker é um homem prudente por natureza, e amável também. Se conseguir ter acesso a esses papéis sem intimidar e importunar a executora testamentária — e querida amiga — de Chapman, melhor.

— Não estou a *armar-me em esperto* — contrapõe. — Sabes tão bem quanto eu que ainda não se determinou o que constitui património artístico e o que faz parte do resto...

— Rapazes. — Helena levanta-se, recusando, com um aceno de mão, a oferta de ajuda de Sebastian. — Isso é tudo muito fascinante, mas creio que se estão a esquecer do mais importante. E se o osso for de facto humano? O que vão fazer? Como planeiam lidar com isto?

— *Lidar?* — repete Becker.

— Beck, a Fairburn pode acabar na primeira página de todos os jornais do país, no *The One Show*, no...

Sebastian parece animar-se, mas Becker mostra-se cético.

— Não sei se será assim *tão* problemático, Hels — declara. — Será bastante bizarro, sim, mas...

— Beck — Helena sorri e abana a cabeça —, querido, pensa. Achas mesmo que a imprensa não se vai interessar pelo facto de ter sido encontrado um *osso humano* numa escultura feita pela grande, falecida, solitária e enigmática Vanessa Chapman? A mesma Vanessa Chapman cujo marido infiel desapareceu há vinte anos? E cujo corpo nunca foi encontrado?

Continua em outubro de 2024...



PAULA HAWKINS foi jornalista na área financeira durante quinze anos, antes de se dedicar inteiramente à escrita de ficção. Nascida e criada no Zimbabué, mudou-se para Londres em 1989. Presentemente divide o seu tempo entre Londres e Edimburgo. *A Rapariga no Comboio*, a sua estreia literária, tornou-se um fenómeno editorial internacional, que se manteve 100 semanas na lista de bestsellers do *New York Times*, 40 semanas consecutivas no #1 lugar. Já na 33.^a edição em Portugal, o livro soma 23 milhões de exemplares vendidos em mais de 50 países, foi traduzido em 46 línguas, e adaptado em tempo recorde ao cinema com Emily Blunt no papel principal.

**O envolvente novo livro da autora
do bestseller mundial *A Rapariga no Comboio*.
Uma história sobre ambição, legado e traição.**

Uma ilha isolada na Escócia, acessível apenas durante doze horas por dia. Uma artista infame cujo marido reconhecidamente infiel desapareceu há vinte anos, depois de a ter visitado. Uma descoberta atual que liga três pessoas e ameaça um segredo cuidadosamente escondido.

Um romance magistral e instigador que levanta questões profundas sobre ambição, poder, género e perceção, *A Hora Azul* lembra o melhor de Shirley Jackson e de Patricia Highsmith e consolida o lugar de Paula Hawkins entre os melhores, mais subtis, poderosos e elegantes contadores de histórias do nosso tempo.

«O melhor livro de Paula Hawkins até à data.»
Lee Child

AMOSTRA GRATUITA – VENDA PROIBIDA



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros